

Mistérios de Silveiras

Iremos tratar, neste artigo, do escritor vale-paraibano Vicente Félix de Castro, nascido em Silveiras e considerado “um dos pioneiros da literatura regional paulista” junto com o Barão de Piratininga, de acordo com Carlos Eugênio Marcondes de Moura¹, organizador do livro *A vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. Os dados biográficos disponíveis sobre o romancista são muito escassos e merecem uma busca mais detalhada, já que mesmo na internet não se encontra muita coisa sobre ele. Seu nascimento coincide com a data de nossa Independência, 1822. Porém, o ano de sua morte permanece desconhecido. É preciso ressaltar ainda a incerteza em outros pontos. Na obra *Folhetim: uma história*, resultado de uma profunda e séria pesquisa quanto às origens do gênero, Marlyse Meyer, baseando-se em Sacramento Blake, indica a cidade de Areias como o local de nascimento do nosso autor (2005, p. 51).

Percorrer a fortuna crítica do escritor é empreitada igualmente complicada, pela pouca quantidade de artigos sobre ele. Para dizer a verdade, um dos poucos críticos que se debruçaram com mais afinco sobre a obra de Vicente Félix de Castro foi o infatigável Brito Broca, confirmando seu interesse por escritores ditos menores ou esquecidos. De maneira geral, o que se encontra sobre o romancista são menções esparsas em livros e ensaios relacionados a temas diversos, como no caso da já citada obra de Marlyse Meyer.

No livro *Pontos de referência*², de Brito Broca, encontramos um dos poucos ensaios integralmente dedicados ao artista silveirense. Em “...Pobre e humilde escritor da roça...”, o crítico de Guaratinguetá ressaltava a dificuldade para se ter acesso às obras de Vicente Félix de Castro e coloca em relevo os nomes de alguns importantes estudiosos que, na sua opinião, citam o escritor sem tê-lo lido de fato. Entre os autores destacados estão Basílio de Magalhães, que evoca Vicente Félix de Castro num ensaio biobibliográfico sobre Bernardo Guimarães. No entanto, Brito Broca faz uma ressalva – a informação foi colhida de segunda mão por Basílio de Magalhães em livro de Sacramento Blake. O autor de *A vida literária no Brasil – 1900* também acredita que Tristão de Athayde, quando cita o escritor silveirense na obra *Afonso Arinos*, provavelmente não leu suas publicações. A explicação de Brito Broca é clara:

Trata-se de uma absoluta raridade bibliográfica, como tantos outros livros que Sacramento Blake registra, por informação. (1962, p. 17-18)

Em pesquisa que empreendemos nos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, encontramos a edição fac-similar, datada de 1902, do Dicionário Bibliographico Brasileiro. Nessa obra, Sacramento Blake dedica apenas algumas linhas a Vicente Félix de Castro, comprovando a dificuldade para se obter informações sobre o escritor. Os dados biográficos, como já ressaltamos através da voz de Brito Broca, resumem-se a apontar a cidade de Areias como local de nascimento. Blake não indica a data em que isso se deu e, ao tratar da morte do autor, faz uma vaga e curiosa afirmação, que não acrescenta nada de relevante – “falecido ha annos” (1970, p. 358).

No tocante à obra do escritor, Blake destaca *Os mistérios da roça* (1861) e *História do voluntário da pátria* (1896), além de outros livros sobre os quais declara seu total desconhecimento, tais como *Os dramas de sangue* ou *os sofrimentos da escravidão*, *A filha do mistério*, *Flor da terra*, *Hortência* e *Herança usurpada*. Antes de prosseguir, devemos ressaltar que a *História de um voluntário da pátria* foi publicada, na verdade, em 1869. Não sabemos se o erro quanto à data de aparecimento da obra foi cometido por Sacramento Blake ou se foi de outrem, mas esse pequeno e quase imperceptível engano reforça ainda mais os mistérios que pairam sobre Vicente Félix de Castro e mostra o desconhecimento em torno das bases de nossa própria literatura.

Enquanto muitos colegas de ofício fazem citação de segunda mão, o arqueólogo literário Brito Broca procura sair a campo para nos trazer informações baseadas na consulta direta a alguns dos livros do escritor. O cronista revela ter encontrado *Os mistérios da roça* e *História de um voluntário da pátria* na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da qual era frequentador assíduo. O primeiro comentário específico sobre a obra é dirigido aos *Mistérios da roça*. Como de praxe, a abordagem de Brito Broca aproxima-se, inicialmente, de dados extra-literários para, num segundo momento, penetrar na história do romance. O cronista demonstra sua surpresa com os detalhes da publicação descritos na página de rosto – “Guaratinguetá, Typ. Commercial de V. R. da Fonseca, rua Verde, n. 27, 1861”. Na sua opinião, tais indicações merecem destaque por mostrar que “numa pequena cidade provinciana do Vale do Paraíba, há cem anos, já se edita[vam] romances em quatro volumes” (Broca, 1962, p. 19). E Brito Broca vai além:

¹ São Paulo, Ateliê, 1999, p. XV.

² Serviço de Documentação do MEC, 1962.

É ainda uma demonstração daquilo que todos os estudiosos do nosso passado sabem muito bem: o sensível desenvolvimento da vida literária na província, durante a Monarquia. Guaratinguetá não era uma exceção [...] (1962, p. 19).

É interessante e ao mesmo tempo enternecedor notar que, passados cento e cinquenta anos da publicação da primeira obra de Vicente Félix de Castro, e cinquenta anos depois da situação descrita por Brito Broca em seu ensaio, pouca coisa mudou no conhecimento e na divulgação da produção artística do escritor. Os livros que podem ser encontrados com mais facilidade (ou com menos dificuldade) se resumem a três títulos: Os mistérios da roça, História de um voluntário da pátria e Os homens de sangue. Os dois últimos estão disponíveis para consulta na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP enquanto os quatro volumes do primeiro e a História de um voluntário da pátria também podem ser acessados através do site da Brasileira da USP (<http://www.brasiliana.usp.br>), órgão que reúne o acervo do bibliófilo José Mindlin, graças ao qual alguns livros de Vicente Félix de Castro foram preservados. Para não sermos tão pessimistas, vale dizer que a disponibilização da obra do escritor na internet já é um bom começo para, quem sabe, fazê-lo atingir um público mais amplo e permitir um maior conhecimento da própria vida literária da nossa região vale-paraibana.

A visão crítica de Brito Broca acerca de Os Mistérios da roça não é muito favorável, apesar da simpatia que tem pelo autor. O ensaísta ressalta que a história tem diversos complicadores, está repleta de “dramas de família, crimes, cheia de *ficelles*, na qual apenas se ressaltam os aspectos da vida rural e provinciana da região paulista do Vale do Paraíba” (Broca, 1962, p. 19). *Ficelle* é um termo francês que designa certos artifícios e truques plantados pelo romancista para causar suspense e despertar a curiosidade do leitor. A leitura da obra mostra que o crítico tem razão e, além da quantidade de mistérios, o romance é povoado por personagens novos que aparecem a cada capítulo, enovelando-se numa rede intrigas e acontecimentos que parece não ter fim. É preciso ter em mente o contexto de elaboração e publicação dessas obras, uma vez que muitas delas foram influenciadas pelo folhetim de origem francesa, no qual prevalecem algumas características básicas. Marlyse Meyer nos traz maiores esclarecimentos sobre o tema:

Comum a todos [os romances], e importantíssimo, era o suspense e o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil de escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, o levasse ao livro. (2005, p. 303)

Os mistérios da roça constituem um caso exemplar do poder de difusão do folhetim francês mesmo nos recantos mais provincianos, como a vila de Silveiras que, em 1860, possuía “cento e tantas casas regularmente construídas, e muitas outras cobertas de sapé”, além de “algumas ruas e três praças”, segundo o relato de Emílio Augusto Zaluar em Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861). Para ratificar a influência dos modelos franceses sobre Vicente Félix de Castro, podemos evocar o próprio título de sua obra que, segundo indicação de Brito Broca, é inspirado em Os mistérios de Paris, de Eugène Sue, livro de 1842 “cujo êxito chegou a perturbar o sono de Balzac e a impressionar Dostoiévski” (1993, p. 71).

A fim de ilustrar algumas características do gênero folhetim relatadas por Marlyse Meyer, vale destacar um trecho do primeiro capítulo da primeira parte – “Os dois consócios”. Depois de descrever um encontro às escondidas entre o Sr. Gonçalo e o capitão João Antonio, o narrador dirige-se ao leitor:

Benévolo leitor, parece-me já ver a impaciência em que estais de conhecer essa personagem misteriosa, que conta dinheiro a deshoras, e tendo relações com homens de physionomias patibulares e de baixa esphéra. (Castro, 1861, p. 11, grifo nosso)

Além de buscar a cumplicidade do leitor, com essas palavras o escritor vai aos poucos preparando o terreno para futuras revelações sobre os personagens. No final do primeiro capítulo o narrador dá uma espécie de satisfação aos que o lêem, tentando dosar e instigar a nossa curiosidade – “N’um dos capítulos seguintes, mais de espaço, nos occuparemos do capitão João Antonio” (Castro, 1861, p. 14). Outros detalhes sobre o capitão só virão à tona no capítulo terceiro, intitulado “O viajante misterioso”.

O trecho destacado anteriormente – “benévolo leitor” – interessa igualmente na medida em que nos remete a uma técnica empregada mais tarde por outros romancistas, entre eles Machado de Assis. Não iremos comparar Machado e o autor dos Mistérios da roça do ponto de vista artístico, porém, não podemos nos furtar a observar o esforço de Vicente Félix de Castro na aplicação de certos procedimentos que seriam refinados posteriormente por artistas que ganhariam renome. Para se ter uma vaga noção sobre essa questão, transcrevemos abaixo passagens nas quais Machado de Assis se utiliza de estratégias semelhantes. No capítulo “Marcela”, das Memórias póstumas de Brás Cubas (1880), lemos:

Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma coisa, leitor amigo, e se alguma vez contaste dezoito anos, deves lembrar-te que foi assim mesmo. (grifo nosso)

Enquanto Vicente Félix de Castro tenta controlar a impaciência de seu leitor, no romance *Ressurreição*, de 1872, deparamos com termos machadianos que também marcam certa afinidade com o escritor silveirense:

Aqui podia acabar o romance muito natural e sacramentalmente casando-se estes dois pares de corações e indo desfrutar a sua lua-de-mel em algum canto ignorado dos homens. Mas para isso, leitor impaciente, era necessário que a filha do coronel e o Dr. Meneses se amassem, e eles não se amavam, nem se dispunham a isso. (grifo nosso)

O que se constata durante a leitura de *Os mistérios da roça* é um misto de simplicidade e ingenuidade do escritor em determinadas passagens. Brito Broca exalta alguns desses traços em seu ensaio, ao admitir sua comoção diante da humildade desse “pobre provinciano apaixonado pelas letras”, e que as cultivou, segundo o crítico, “como uma compensação para os seus sonhos irrealizados” (Broca, 1962, p. 18-19). Até mesmo o modo de expressar de Vicente Félix de Castro aponta para uma parcialidade em favor dos personagens sofredores, tornando-os dignos da compaixão do leitor. Ao descrever, no capítulo segundo – “As conseqüências de uma demanda” –, a triste fortuna de uma família ludibriada pelos poderosos locais, o narrador protesta em tom de lamento:

E quantas injustiças d'estas, benévolo leitor, não se têm dado por estes lugares!... quantas testemunhas falsas não decidem da sorte do homem, tirando-o do seio da felicidade para os braços da miséria!... Oh! revolta-nos ao pensar, nestes factos, que para nossa infelicidade se reproduzem constantemente! (Castro, 1861, p. 22)

Outro possível ponto de contato entre *Os mistérios da roça* e Machado de Assis encontra-se nos nomes de alguns personagens. Não sabemos se o escritor carioca em algum momento de sua vida leu o autor silveirense, mas notamos pequenas coincidências antecipadas por Vicente Félix de Castro. Um exemplo bem simples é o caso da personagem Eugênia, filha de Simão e Luiza, todos membros da pobre família arruinada por pessoas de mau caráter. O narrador explica que Eugênia foi “vítima de um sedutor” e ficara grávida, sendo que o responsável por manchar a “pureza de sua virgindade” fugira sem deixar rastro (Castro, 1861, p. 23). O “fructo de sua levandade” será a bela e inocente Maria que, nascida em abril de 1841, ganhará o apelido de Flor-de-Abril (idem, p. 18). Sendo muito pobre, algumas pessoas ajudam a menina com esmolas.

Enquanto isso, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, temos outra Eugênia. Aqui, porém, Eugênia é o próprio fruto do pecado de adultério cometido por sua mãe, D. Eusébia. E ao passo que Maria, em *Mistérios da roça*, é conhecida pelo doce e simpático pseudônimo de “Flor-de-Abril”, Machado de Assis subverte as regras do jogo e, de forma satírica e cruel, cria para sua jovem personagem a alcunha de “Flor da moita”, em alusão ao local onde D. Eusébia praticou o adultério e concebeu sua filha, isto é, atrás de uma moita. Se quisermos prosseguir na busca por diferenças e semelhanças, veremos que a adolescente Flor-de-Abril, de Vicente Félix de Castro, recebia esmolas, do mesmo modo que a “flor da moita” é flagrada por Brás Cubas pedindo esmolas no cortiço onde vai morar mais tarde. Sem dúvida, estas são apenas hipóteses que não podemos comprovar, mas que tornam as relações literárias mais instigantes e mostram como Vicente Félix de Castro manejava os instrumentos de que dispunha na época da escritura de sua obra.

Na caracterização física da Flor-de-Abril não faltam elementos idealizadores na descrição da personagem:

[...] uma menina de treze para quatorze annos, bella e risonha como a rosa a desabrochar, **tendo cabellos tão pretos como as azas do corvo**, que descem abundantes em duas grossas tranças muito abaixo da cintura delgada e flexível. (Castro, 1861, p. 16, grifo nosso)

O trecho em destaque traz à nossa mente outra idealização romântica, criada por José de Alencar alguns mais tarde – em 1865 nascerá *Iracema*, “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna”. Trata-se de nova hipótese sem nenhuma comprovação segura de que Alencar tenha porventura lido Vicente Félix de Castro. De qualquer modo, tais indicações servem para apontar que no escritor silveirense estava contido o que poderíamos chamar de “germe” que iria frutificar em produções mais ambiciosas na pena de artistas detentores de maior fôlego.

De acordo com Marlyse Meyer, vários autores do século XIX se aventuraram a escrever nos jornais de província. Entretanto, apesar da multiplicação dos mistérios e misérias aos quais o leitor era exposto, faltava a esses escritores “o sal, o apelo e a tarimba dos modelos franceses, ainda que possam reproduzir algumas de suas características” (Meyer, 2005, p. 304). O exemplo com que a pesquisadora ilustra seu pensamento é Vicente Félix de Castro, cujos Mistérios da roça apareceram inicialmente num jornal de Guaratinguetá. Segundo Emílio Augusto Zaluar, na sua Peregrinação pela província de S. Paulo, naquela época o nome do escritor silveirense já era “vantajosamente conhecido do público pelos seus romances publicados no Correio da Tarde”, jornal do Rio de Janeiro (1953, p. 70).

Antes de *Os mistérios da roça*, o escritor publicara, em 1859, nesse mesmo jornal, o romance *Flor da Serra* ou *Os dois casamentos*, segundo informação coletada no importante e valioso trabalho de Germana Maria Araújo Sales, da UNICAMP, que vem criando e atualizando uma cronologia da prosa de ficção brasileira no século XIX. O trabalho dessa estudiosa visa completar “lacunas na nossa historiografia nacional mostrando que havia uma produção e circulação de prosa ficcional significativa, e, em grande parte, desconhecida hoje em dia, o que nos permite repensar algumas informações disponíveis na História Literária”³. Percorrer a produção artística de Vicente Félix de Castro é uma boa estratégia e um bom começo para a reconstituição desse glorioso passado.

Outra obra do escritor silveirense, anterior aos *Mistérios da roça*, foi *Hortência* ou *Os amores de um pintor*. Germana Sales nos conta que esse folhetim foi publicado no *Correio da Tarde*, de 22 de novembro de 1859 a 3 de janeiro de 1860. Além dele, apareceu *Elisa* ou *A filha do mistério*, no *Mosaico*, “primeiro jornal de Guaratinguetá, de fins de 1859 a início de 1860”⁴.

Uma revelação muito curiosa feita por Marlyse Meyer é a descoberta de *Os mistérios da roça* com o título *Misérias da atualidade*, em três volumes, “republicados em São Paulo pela tipografia de Azevedo Marques em 1864” (2005, p. 304). Caberia empreender uma investigação mais aprofundada para descobrir os motivos que levaram Vicente Félix de Castro a mudar o título de sua obra: teria sido uma decisão pessoal ou, naquele tempo, os editores já interferiam nesses detalhes, preocupados com o apelo que a obra poderia ou não alcançar junto ao público?

Como se pode perceber, diversos mistérios sobre nosso produtivo escritor ainda persistem. Entre eles, a data de seu falecimento, a localização de suas outras obras, enfim, dados que merecem ser pesquisados e recuperados com a finalidade de preservar a própria História Literária do Vale do Paraíba, cuja riqueza não se resumia apenas às fazendas de café.

BIBLIOGRAFIA

- BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Conselho Federal de Cultura, 1970, v. 7. (edição fac-símile: Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902).
- BROCA, Brito. “...Pobre e humilde escritor da roça..”. in: _____. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro, MEC, 1962, p. 17-21.
- BROCA, Brito. *Teatro das letras*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.
- BROCA, Brito. *Horas de leitura*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *A vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.
- ZALUAR, Emílio Augusto. *Peregrinação pela província de S. Paulo (1860-1861)*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1953.

As obras de Machado de Assis e José de Alencar estão disponíveis no site www.dominiopublico.gov.br.

OBRAS DE VICENTE FÉLIX DE CASTRO

Os mysterios da roça.

História de um voluntário da pátria.

Os homens de sangue ou *Os sofrimentos da escravidão*.

³ Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm>. Acessado em 08.04.2011.

⁴ Idem.